Ano V — Lisboa, 28 de Maio de 1930 — N.º 233

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

UM SONHO

POR
MARIA AMELIA RODRIGUES
Desenhos de CASTAÑÉ

ERA uma vez um menino lindo, lindo como os amores. E, como era lindo, gostava de vêr-se ao espelho, de vestir bem e de brincar.

Falavam-lhe em estudo e torcia o nariz; diziam-lhe para ir ao colégio e ficava triste.

Mas o menino cresceu, como é natural. Era já um rapazinho e mal sabia ler.

Os Pais, muito desgostosos, internaram-no em um colégio para vêr se, animado pelo exemplo dos outros, conseguia ser alguém, mas... pobres Pais! De nada lhes valeu a saudade que sentiram, o sacrifício de terem o seu Antoninho longe de si... O menino continuava — a-pesar-de tudo — a ser um distraído incorrigível. E voltou para casa.

Em casa arranjou umas amiguinhas com quem conversava algumas tardes.

Uma vez falaram de estudo e as amigas do António souberam que êle era mandrião e disseram-lhe que isso era muito feio.

António sorriu docemente e não acreditou. Pois que lhe faltava ?!

(Continua na pag. 3)

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

POR LEONEL DE CARVALHO

DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

PARA A MINHA PEQUENITA SELITA

ERA uma vez...

.....

Numa noite tempestuosa e muito fria, para os confins do Norte de Portugal, sentados em pequenos bancos à lareira, caindo pelas ruas e pelos campos flócos enormes de neve muito branquinha, encontrava-se o velho João Raimundo na companhia de seus filhos e nètinhos.

Já um pouco alquebrado, o velho Raimundo lá ia vivendo ao lado dos seus filhos, uma sàdia e esbelta rapariga dos seus vinte e cinco anos e seu marido um rapagão que, no dizer do povo da aldeia, vendia saúde.

O enlevo do pobre velho eram duas nètinhas, que, tôdas as noites, ouviam, contadas por êle, histórias maravilhosas dos seus tempos de rapaz.

Dizia o velho Raimundo que tôdas as suas histórias eram verdadeiras, e que algumas, faziam parte da sua própria vida.

(Conte, conte avôsinho essa história que nos prometeu ontem ao serão, do menino pòbrezinho, desprezado pelos outros...)

..... Era uma vez, (repetia o velho Raimundo, fitando os seus pequenos olhos penetrantes nas suas duas nètinhas) um menino muito pòbrezinho que se chamava Raimundo e vivia com seus pobres pais numa espécie de cabana dum pequeno Monte nos arredores duma pequena aldeia, onde tinham alguns rebanhos de ovelhas, das quais viviam, vendendo a lã que elas produziam, bem como queijinhos fabricados à moda daquela região.

O pequenino tôdos os dias, calçando uns sapatinhos já muito vèlhinhos, lá ia, muitas das vezes caíndo frio e neve de sacola na mão, dar a lição na escola da aldeia.

Nesta escola havia poucos meninos tão pobres como o Raimundo, pois tôdos viviam, pouco mais ou menos, remediados, vestindo bons agasalhos e comendo boas merendas, à hora do descanço, no pátio grande, junto ao quintal da escola.

Como o pequenito Raimundo era muito pòbrezinho, e não vestia tão bem como os outros, e não comia muitas das vezes merenda, os seus condiscípulos olhavam-no com indiferença, não repartindo com êle uma migalha de pão.

Assim iam passando os dias, até que, um dia, estando o pequeno Raimundo tiritando de frio a um canto do grande pátio da escola, vendo rir e saltar os seus companheiros, sem ter um bocadinho de pão para merendar, viu aproximar-se dêle uma menina muito linda, com o cabelo muito lourinho aos aneis e uns olhitos azuis, que o fitavam como querendo dar-lhe algum conforto e alegria.

A pequenina de olhos azuis, mais parecendo um anjinho, acercando-se mais do pequeno Raimundo, preguntou-lhe:

— Então porque é que nunca brinca com os outros companheiros e está sempre tão triste?

— Não brinco, — diz o pequeno Raimundo por entre soluços e correndo-lhe as lágrimas pelas faces lívidas de frio, — porque tôdos me desprezam por eu ser pòbrezinho

e não andar tão bem vestido e calçado como êles. Não vê, como eu, a maior das vezes, nem tenho merenda como os meus companheiros?! Não sabe que os meus pais são muito pobres e que vivemos muito mal no Monte?!

A pequenita de olhos azuis, e que se chamava Margarida, tirando dum cestinho que tinha no braço e onde tinha a sua merenda, um bólo de pão de ló, e oferecendo-o ao pequeno Raimundo, disse-lhe:

— Não chores por ser tão pòbrezinho e não seres acarinhado pelos teus companheiros. A minha merenda chegará sempre para os dois, pois eu direi a minha mãezinha para a aumentar, e brinquemos, também, sempre os dois, se assim desejares.

Nos dias seguintes, os companheiros do pequeno Raimundo, vendo sempre junto dêle a pequenita Margarida, linda menina da aldeia, filha de uns pequenos lavradores que viviam bem, começaram por não o desprezar tanto, e tôdos, ouvindo os conselhos da pequenita Margarida, foram-se dedicando um pouco ao pobre Raimundo.

Mais tarde, os dois amiguinhos, tendo feito cada um o seu exame, separaram-se: O pequeno ficou na aldeia, e a menina foi para um colégio terminar os seus estudos.

Depois... passados mais anos... novamente se encontraram na aldeia que lhes tinha servido de berço.

Voltaram a ser amigos, recordaram a sua infância... e depois...

— Conte, conte avôsinho essa história que é tão bonita!...

O velho Raimundo, fitando os seus pequenos olhos penetrantes, como querendo recordar uma grande verdade da sua vida, conclue:

..... depois.... a pequena Margarida, que já era uma mulher muito perfeita, casou com o pobre Raimundo, que, a-pesar-de pobre, era considerado o homem mais honrado da aldeia.

Mais tarde, tiveram duas filhinhas.... uma, Deus a levou... a outra... é...

.....

— Então, avôzinho, porque está chorando e não nos conta a história que tanto nos está interessando?!

O velho, fitando desta vez sua filha, a mãe das suas nètinhas, enxugando duas lágrimas que pelas faces lhe deslisavam, diz:

.... a outra, minhas lindas nètinhas... a outra, é vossa mãe; o pequeno Raimundo sou eu, vosso avô, e a pequena Margarida... era a vossa avó, que Deus levou, há bastantes anos.

FIM

UM SONHO

(Continuação da página 1)

O José, que era estudioso, tinha tanto como êle.

Para que se havia de maçar?

E continuou na brincadeira de sempre. Mas um dia... ou antes, uma noite, o Tonito, depois de nova conversa com as amigas, foi deitar-se um bocadinho preocupado. Porquê?... Ora!...

Adormeceu e sonhou.

Sonhou que já era homem, um bonito homem, mas que isso não lhe bastava para ser feliz. Sim... não era feliz... Sentia um grande desgosto porque era ignorante... Não podia empregar-se a não ser em profissões muito baixas, das que não precisavam de estudos... As raparigas não gostavam dêle, olhavam-no como se fôsse uma estátua... António via bem, na cara do Pai, a pena que lhe causavam estas coisas tôdas e a Mãe, a Mãezinha, chorava por sua causa, muitas vezes, muitas.

Arrependeu-se, então, de não ter feito caso dos conselhos que lhe davam... mas já era tarde.

¿ Como poderia voltar aos seus treze anos, para recomeçar uma vida estudiosa, que lhe désse proveito e alegria aos seus?... Não podia... não podia... Se já era homem!...

Chegou-se a um espelho. Dos seus lindos olhos corriam lágrimas em fio.

— Mãe... Pai... perdôem...

De repente acordou. Apalpou a cara e sentiu-a molhada. Lembrou-se do sonho e, ajoelhando na cama, agradeceu a Nosso Senhor e à Mãe de Deus o milagre de lhe ter mostrado, a tempo, o mau caminho que estava seguindo.

E, desde então, Antoninho foi o aluno mais estudioso da classe.

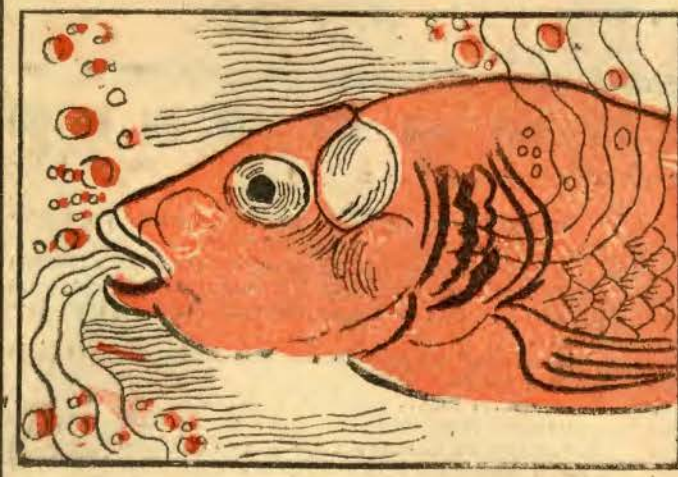
FIM

AVENTURAS DE PIM, PA

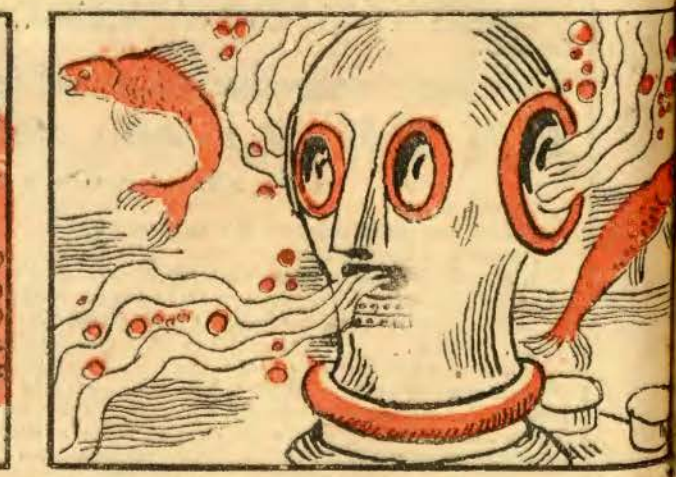
1 — A medida que a fantastica aparição saía da água, mais aterrorisava os nossos pobres pequenos. Era um verdadeiro monstro, como se pode vêr.

2 — Mas, nisto, ouviram uma voz que dizia:
— Então gostaram do almoço? E aquela figura, desaparafusando a medonha cabeça que afinal era um capacete, mostrou-lhes a fisionomia do missionário.

3—«Mas que grande surpresa! hein!» exclamava, dando afáveis palmadinhas nas bochechas de Pum. Depois, levando-os a um confortável gabinete, oculto na gruta, acrescentou:



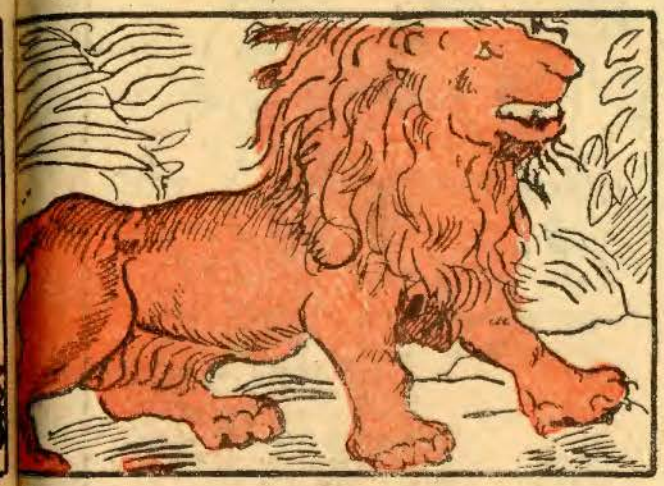
4 — Julgavam-me morto, não é?! Este trajo, que acabo de despir, é um invento meu. Com êle posso andar debaixo de água como um peixe. Os peixes respiram, entrando-lhes...



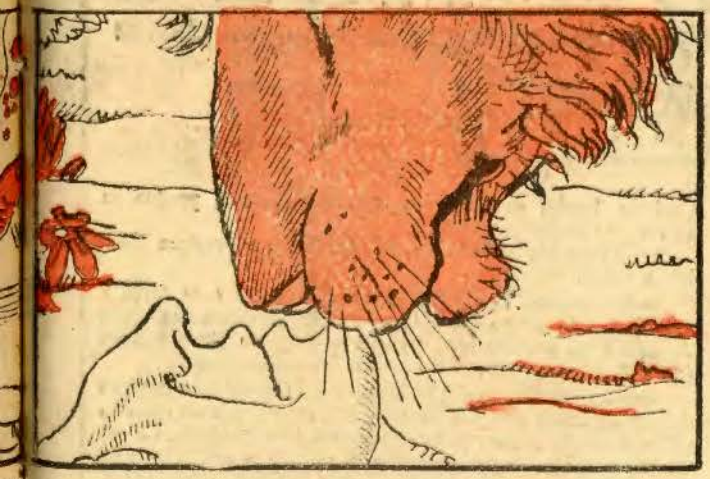
5 — a água pela boca e saíndo pelas guelas. Assim faço eu. — Em seguida convidou Pim, Pam e Pum, a sentarem-se numa ampla poltrona, e acrescentou: Agora vão saber porque artes consegui salvar-me.

M e PUM POR CASTAÑÉ *(Continuado do numero anterior)*

6 — Quando os selvágens me feriram, recuperei os sentidos, imediatamente. Entreabri os olhos e vi que corriam para mim, mas, de súbito, fugiram cheios de pavor.

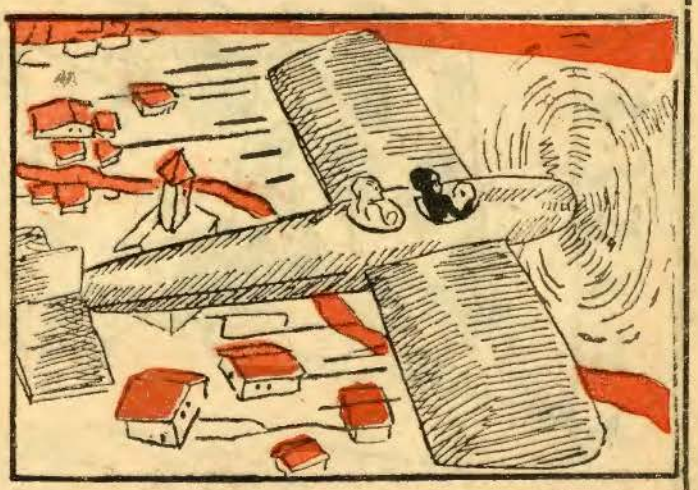


7 — Ouvi um rugido e apareceu um enorme leão que, desta vez, era autêntico. O leão dirigiu-se para mim e eu fingi-me morto. Cheirando-me, roçando-me os bigodes pela cara, julgou-me morto e afastou-se.

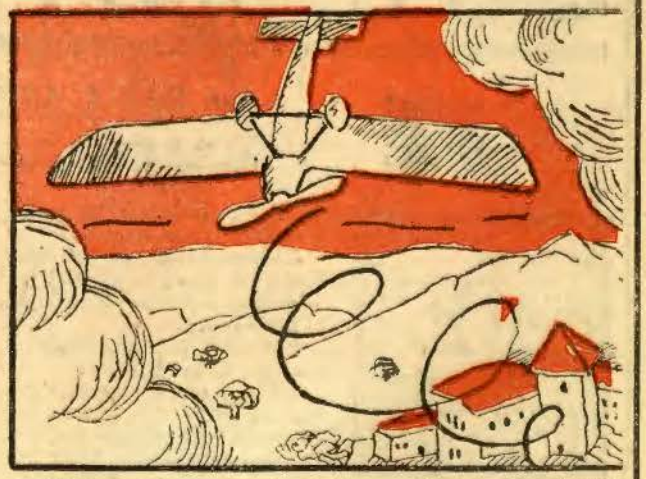


8 — Felizmente a ferida da flecha não tinha importância, graças à pele de leão que eu levava em cima. Estava pensando no meu destino, quando ouvi o motor dum aeroplano.

9 — Estava salvo. Levantei-me e comecei a gesticular, a fazer sinais. Daí a momentos, eu estava dentro do aparelho e voávamos, a caminho da Espanha...



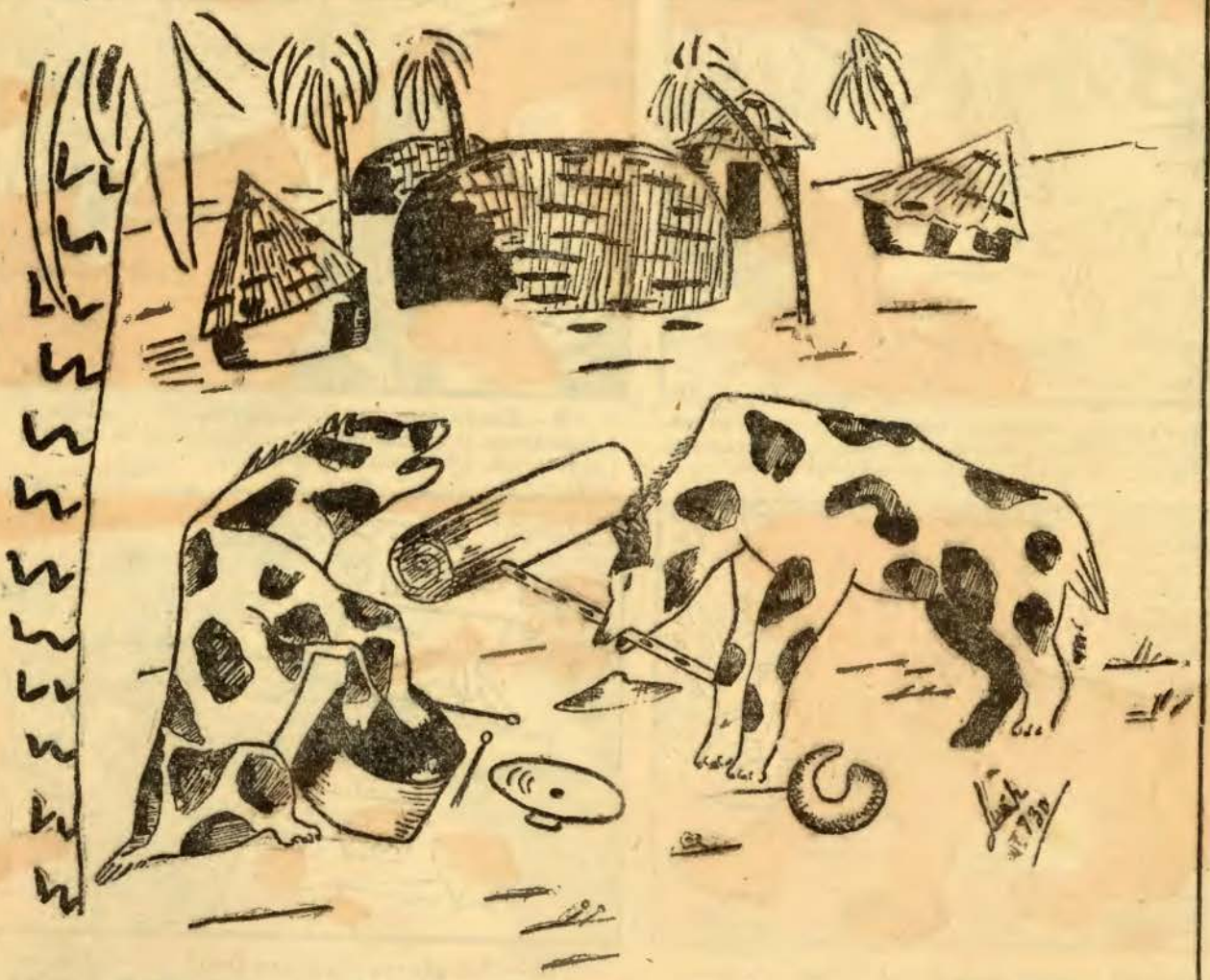
10 — Mas, não era ainda desta que eu me via livre dos sustos. No momento em que voávamos sôbre as primeiras povoações espanholas, o motor parou e o aeroplano despenhou-se connôsco.



Desta vez é que parecia não haver salvação possível. Foi um momento atrós. Descreviamos uma espiral trágica. Encomendei a alma a Deus e...

(Continua)

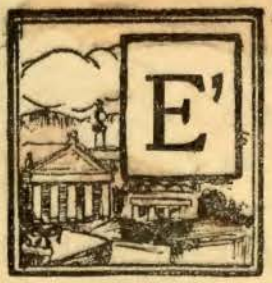
GARGALHADAS



QUE METEM MEDO

Por MARIA AMELIA RODRIGUES

Desenho de LUAH



E' esquisito o título desta história, não é verdade, meus meninos?

Geralmente as gargalhadas fazem rir, como os bocejos fazem abrir a bôca a tôda a gente que os vê...

Mas o que lhes vou contar é um caso extraordinário:

A Lena, que é uma menina muito minha amiga, tem um tio chamado João que veio há pouco tempo de África. Ora o tio João, quando tem paciência, leva-a a passear, brinca muito com ela e conta-lhe muitas coisas que se passavam em Tête, que foi a terra onde êle esteve muitos anos.

Um dia levou-a ao Jardim Zoológico e a Lena, parando ao pé de uma jaula onde estava um bicharoco de pêlo acinzentado, tendo, aqui e além, manchas escuras, preguntou ao tio que bicho era aquele.

— É uma hiena malhada. Lá, em Tête, apareciam muitas, à noite.

— Que mêdo! — disse a Lena, agarrando com fôrça a mão do tio. — Como ela é feia! Parece que tem as pernas da frente mais compridas do que as detrás e tem os olhos como os dos chineses. O tio não tinha mêdo delas?

— Não, minha linda; as hienas não assaltam pessoas crescidas, a não ser quando elas estão a dormir ou quando estão já mortas, porque êstes animais são traiçoeiros e covardes. Gostam de comer carne, é mesmo o seu alimento, mas, para isso, atacam ovelhas, cães, leitões, e, às vezes, crianças.

— Ah!

— Há quem tenha domesticado as hienas, isto é; quem tenha vivido com uma hiena em casa, como se vive com um

cão e essas pessoas dizem que é meiga, mas a hiena mais domesticável é a raiada.

— Eu é que não queria ter um bicho daqueles em casa! Tinha sempre mêdo que êle se lembrasse, um dia, que era hiena e que me comesse e ao meu rico Piloto.

— Agora por isso ¿queres ouvir um caso que se deu comigo, com umas hienas e com um cão de um vizinho meu?

— Quero, sim, tio. Conte lá.

— Os pretos contam das hienas coisas extraordinárias. Dizem que, depois do batuque, — festa em que dançam ao rufar de um instrumento parecido com um tambor — e quando recolhem às palhotas, as hienas vêm, em seguida, tocar e dançar também, dizem que elas se apoiam nas patas traseiras para conseguirem espreitar para dentro das casas pelo buraco da fechadura, dizem que choram como as crianças...

Eu nunca ouvi elas tocarem, não as vi dançar, não as vi, também, cometer a feia acção de espreitar pelo buraco da fechadura, não confundi o seu uivo com o choro de uma criança, mas aconteceu-me outra coisa mais curiosa.

— O que foi, o que foi, tio João?

Era uma noite linda, uma noite clara, de luar tão branco, tão branco, que parecia dia. Aqui não há noites assim por motivos que mais tardes saberás. Pois eu tinha vindo de casa de um amigo que estava muito arreliado por lhe ter desaparecido um lindo cão Lulú da Pomerânia. Eu estava também apoquentado, tanto mais que se tinham feito buscas inúteis e o cão era, na realidade, um lindo animal. Quando já ia meter-me na cama, senti ganir. — É o Niassa!

Levantei-me e, de um alto, abri a janela. Não ouvi mais nada. Simplesmente uns três vultos silenciosos, três hienas estavam debaixo de uma árvore que havia perto de casa. De repente, novo ganido. Peguei numa caixa de fósforos vazia. Atirei. Os vultos afastaram-se e eu ouvi, perfeitamente, três gargalhadas curtas que me puzeram os cabelos em pé. As hienas tinham rido! Se me contassem não acreditaria. Saí de casa. No chão, debaixo da macieira, estava só a linda cauda emplumada do Niassa, cheia de sangue.

— Coitadinho do tio e do cão também. Não volte mais para Téte, não?

* * *

E aqui está, meus amores, como há gargalhadas capazes de fazer arrepiar os cabelos.

FIM

PROVERBIOS POR INICIAIS

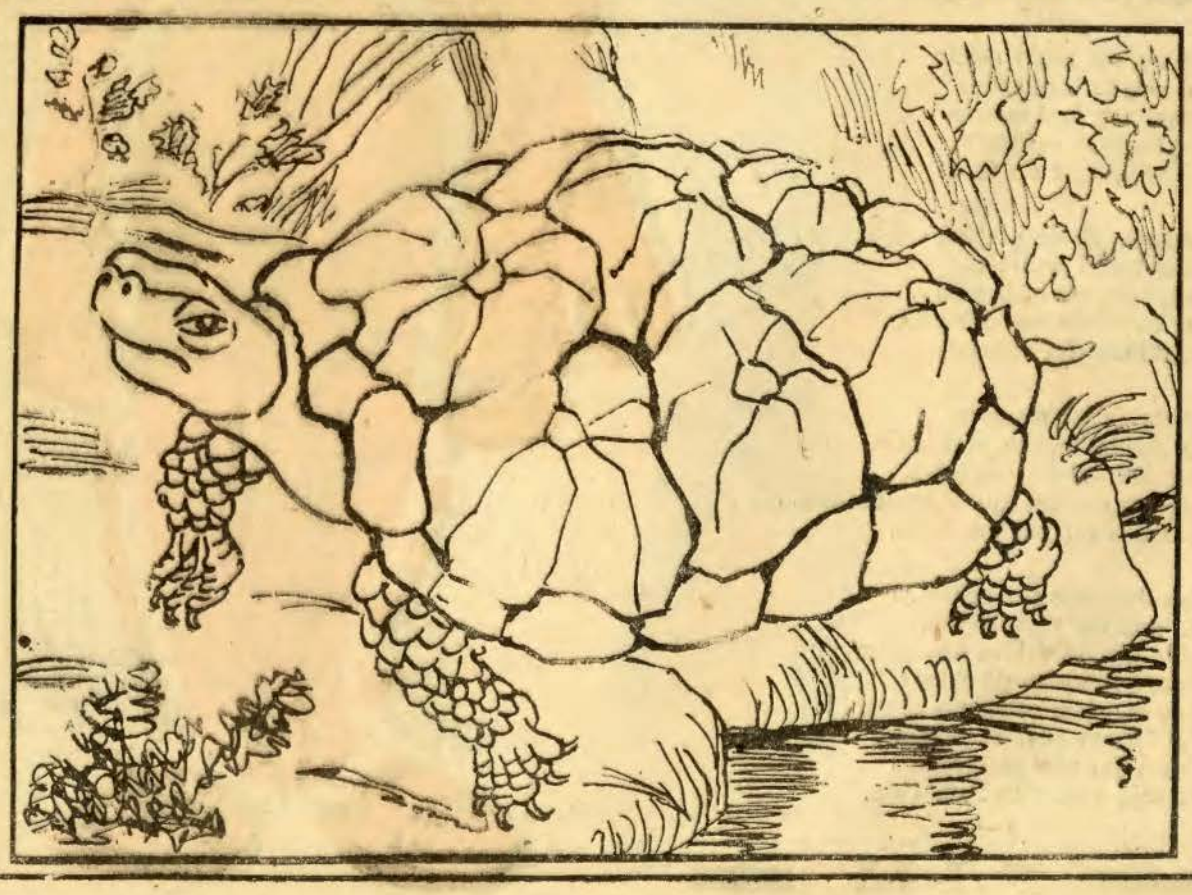
1.° Problema—M. F. D. N. P. (2-2-1-2-2)

2.° Problema—D. D. A. N. A. Q. N. T. D. (1-2-1 2-1-1-1-1-2)

3.° Problema—Q. T. Q. S. N. S. L. D. (1-2-2-2 2-1-1-1)

4.° Problema—E. B. P. T. O. N. E. V. (4-1-3-2 1-2-1-3)

PARA OS MENINOS COLORIREM



A HISTORIA TRISTE DUM BONECO

POR DEN

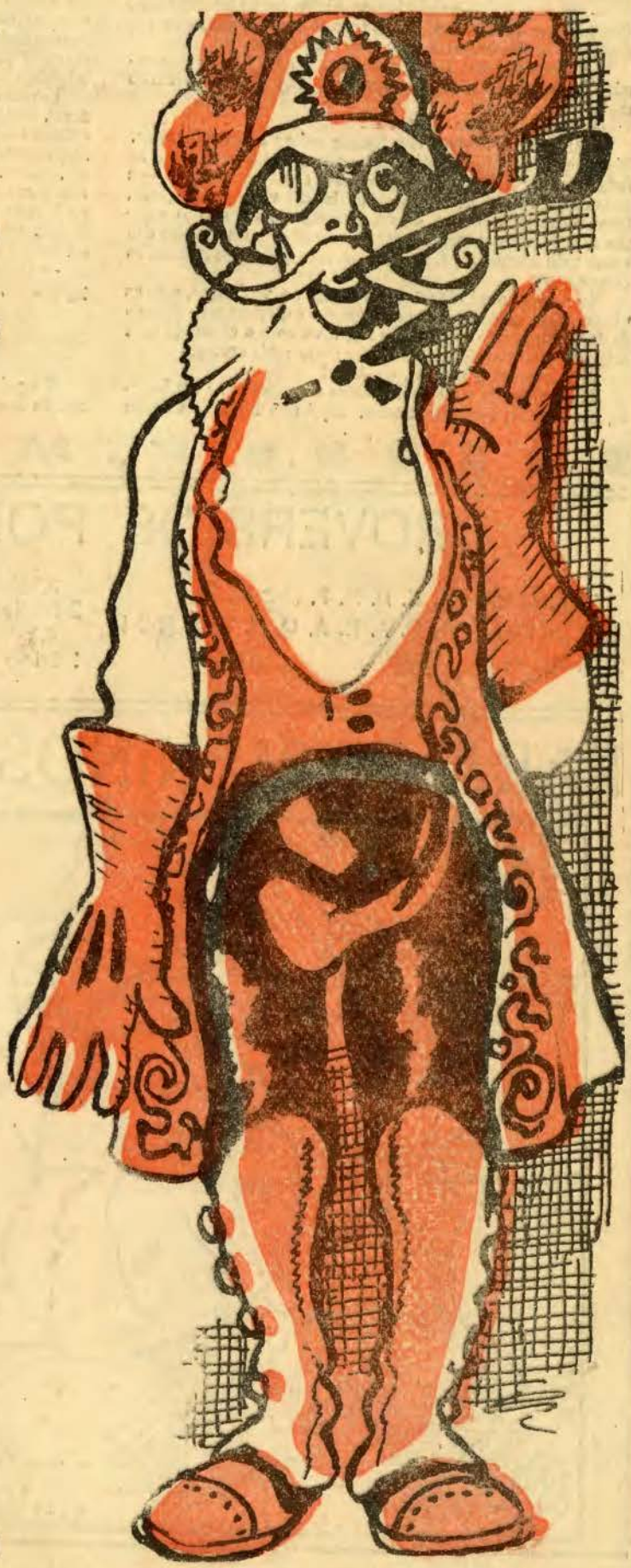
Desenho de CASTAÑÉ

Era uma vez um boneco,
Um janota, um papo sêco,
Que trajava do melhor...
E eu, por mim, sempre que o via,
Fazendo uma cortezia,
Com profunda reverência,
Murmurava: — V. Ex.ª
Passou bem, Senhor Doutor?

Trajava um lindo colete
Em veludo carmezim,
Gravatinha azul ferrete,
Emplumado capacete,
Calções pretos de setim,

Polainas côr de pinhão,
Umas botas amarelas,
Uma luva em cada mão...
Um bonifrate, um pimpão,
Tiradinho das canelas.

Janota de tal maneira,
De cachimbo e de monóculo,
Que Petrónio, à sua beira.
— (Não cuidem que é brincadeira...) —
Ficava a vêr por um óculo.

Mas que vale ser bonito?
Do que lhe vale, repito,
Seao fim de contas não passa
Dum bonequito de massa,
Que não tem préstimo algum?!...
Fui encontrá-lo, há bocado,
Como um lord arruinado
Na loja dum Pim Pam Pum.

FIM